

# Peças em movimento: os itinerários da oferenda da Plataforma das Águias e Jaguares de Chichén Itzá

Daniel Grecco Pacheco  
Universidade Estadual de Campinas

---

Este artigo propõe estudar os itinerários de duas das peças que compunham a oferenda encontrada pelo explorador inglês Augustus Le Plongeon e sua esposa Alice Dixon na Plataforma das Águias e Jaguares no sítio de Chichén Itzá, México no final do século XIX. Ao investigar as peças da oferenda sob o ponto de vista de recuperar sua trajetória até os dias atuais, propomos o uso de um referencial teórico que vai além de uma biografia dos objetos, e busque analisar as diversas etapas e contextos da circulação destas peças. Com isso, pretendemos além de recuperar o contexto e trajetória histórica dos objetos, apresentar e discutir seus usos e reusos, e os seus significados nas diferentes temporalidades e espacialidades de seus itinerários.

**Palavras-chave:** objetos em movimento; oferenda; Chichén Itzá; Plataforma das Águias e Jaguares, Augustus Le Plongeon

---

En este artículo se propone estudiar los itinerarios de dos de las piezas que componen la ofrenda encontrada por el explorador inglés Augustus Le Plongeon y su esposa Alice Dixon en la Plataforma de las Águilas y Jaguares en el sitio de Chichen Itza, México a finales del siglo XIX. Al investigar las piezas de la ofrenda desde el punto de vista de la recuperación de su historia hasta la actualidad, se propone la utilización de un marco teórico que va más allá de una biografía de objetos, y tiene como objetivo analizar las diferentes etapas y el movimiento de contextos de estas partes. Tenemos la intención de recuperar más allá del contexto y la trayectoria histórica de los objetos, presentar y discutir sus usos y reutilizaciones, y sus significados en diferentes temporalidades y la espacialidad de sus itinerarios.

**Palabras clave:** objetos en movimiento; ofrenda; Chichén Itzá; Plataforma de las Águilas y Jaguares, Augustus Le Plongeon

## Por um itinerário dos objetos

A ideia de objetos que circulam e levam consigo questões que são materializadas por grupos humanos obedece a uma lógica presente em estudos recentes empreendidos durante as décadas de 1980 e 1990 que tratam da materialidade de peças, bem como incorporações e representações de elementos da cognição humana nos objetos. Essa constante interação e influencia, agencia mutua entre coisa e humano ganhou força com esses estudos. Estudos que acabaram por propor uma própria revisão da ontologia dos objetos.

Tal abordagem foi liderada pelos estudos de cultura material da University College London School, na Inglaterra, na qual seus proponentes inspirados por elementos filosóficos de alguns pensadores do século XIX e XX criaram novas ideias focadas na materialidade dos objetos. Utilizando alguns conceitos e discussões propostas por Hegel e Marx, foi possível a elaboração de uma nova abordagem teórica que conseguisse repensar a relação entre sujeito e objeto.

Essa “virada material” sofrida pela Antropologia e suas disciplinas relacionadas durante a década de 1980 serviu como ponto de partida para se pensar os próprios objetos como partes de projetos humanos. A “virada para as coisas” levou a uma maior atenção por parte dos estudiosos a análises do papel de entidades não humanas dentro da teoria social (JOYCE; GILLESPIE, 2015). Além disso, essa abordagem acabou por demonstrar a dependência entre a sociedade e as coisas, levando a um questionamento da visão de mundo construída a partir do Iluminismo e que molda o pensamento moderno ocidental que se constitui a partir da separação em distintos domínios a sociedade, a natureza e a religião. Essa separação teria originado a dicotomia entre objetos e pessoas pensados como pertencentes a diferentes domínios antagônicos entre si (LATOURET, 2009). Ao se tratar objetos e pessoas como socialmente equivalentes, ou simétricos, se destaca o fato fundamental que o poder social é materializado e incorporado nas relações materiais entre pessoas e coisas.

Como referencial para a interpretação das circulações das peças da oferenda descoberta pelo casal Le Plongeon na Plataforma das Águias e Jaguares em 1875, usaremos as ideias apresentadas por Rosemary Joyce e Susan Gillespie na recente obra *Things in Motion. Object Itineraries in Anthropological Practice* (2015). Joyce e Gillespie utilizam-se de uma metáfora de “itinerários” para traçar a trajetória das peças desde a sua manufatura, até contextos atuais. Segundo as autoras, esse enfoque abarca melhor as relações dos objetos e suas ações e movimentos, considerando suas mudanças e permanências, usos e reusos, que acrescentam novos significados às peças (JOYCE; GILLESPIE, 2015, p.11). Tal proposição não seria algo linear e orientado segundo a vida humana, de nascimento, infância, fase adulta, velhice, morte e desintegração, conforme proposto pelos teóricos da vida social das coisas (APPADURAI, 2008), ou de sua biografia cultural, mas sim algo mais amplo que captaria a complexidade própria dos artefatos, seguindo a própria dinâmica das coisas, além de elementos que se materializam nos objetos, como memórias, crenças, ideias e

conhecimentos, que circulam a partir dos diversos itinerários destes artefatos (JOYCE; GILLESPIE, 2015, p.12).

Dessa forma, acreditamos que ao analisarmos os itinerários das duas esculturas encontradas na oferenda da Plataforma das Águias e Jaguares poderemos discutir como tais objetos incorporaram ideias, memórias e adquiriram significados diversos ao longo de seus movimentos.

### A oferenda da plataforma das águias e jaguares

Como apresentação desse estudo de caso sobre a circulação de objetos, iremos apresentar a história de objetos pertencentes à oferenda descoberta pelo casal Le Plongeon em 1875 na Plataforma das Águias e Jaguares de Chichén Itzá.



Plataforma das Águias e dos Jaguares, em Chichén Itzá. (Foto de Daniel Grecco Pacheco, 2015).

Localizada nas terras baixas do norte da Península de Iucatã, Chichén Itzá é considerada uma das cidades mais importantes da civilização maia, e uma das zonas arqueológicas mais estudadas e visitadas na Mesoamérica. Com uma que atingiu o seu auge durante o período Clássico Terminal (800-1050 d. C.), foi um destacado centro regional controlando rotas comerciais e de bens de consumo de luxo, além de desempenhar uma posição de coletora de impostos a sítios menores subjugados ao seu poder (GARCÍA MOLL; COBOS, 2009, p.41).

Com o abandono do sítio por volta de 1200 d.C. e durante o subsequente período colonial, Chichén Itzá continuou exercendo um papel protagonista, como um

importante centro de peregrinação religiosa. A “descoberta” do sítio por europeus e estadunidenses se deu em meados do século XIX com a chegada de exploradores e arqueólogos amadores. Um dos primeiros arqueólogos amadores a explorar o sítio foi o inglês Augustus Le Plongeon que junto com a sua esposa, a fotógrafa Alice Dixon Le Plongeon chegou ao sítio no ano de 1875 para realizar uma série de escavações arqueológicas sob o patrocínio da American Antiquarian Society, um centro nacional de pesquisa fundado no século XIX nos Estados Unidos (DESMOND, 1988).

Em novembro de 1875 o casal Le Plongeon começou a escavar um montículo localizado na parte central do sítio conhecida como Grande Nivelção. Tal montículo anos depois passaria a ser chamado de Plataforma das Águias e Jaguares. A primeira peça descoberta pelo casal em seu empreendimento foi uma escultura de pedra calcária com o formato de um jaguar reclinado (DESMOND; MESSENGER, 1988, p.34-35; SALISBURY, 1877, pp.58-59). A peça mede 116,0 cm de comprimento, 63,0 cm de largura, e 56,0 cm de profundidade. Ela é esculpida em pedra calcária, possui dois furos no dorso, tem a cabeça faltante, apresenta figuras de manchas em baixo-relevo em formatos de flores com três pétalas.



The Getty Research Institute, Los Angeles. ID no.: gri\_2004\_m\_18\_b12\_054\_recto. Digital images and files are provided for study purposes only. Copyright restrictions may apply to some images. For copyright information or higher resolution images visit: [http://hdl.handle.net/10020/repro\\_perm](http://hdl.handle.net/10020/repro_perm).

Foto de Alice Dixon (1875) - Descoberta da estátua do jaguar reclinado por Augustus Le Plongeon na Plataforma das Águias e Jaguares, em Chichén Itzá. (Acervo Getty Institute).

A história da peça se inicia por volta do século IX, durante o Período Clássico Terminal (800-1050 d. C.) momento do auge do sítio de Chichén Itzá (GARCÍA MOLL; COBOS, 2009, p.41). Ainda que a peça nunca tenha passado por testes para constatar uma datação mais precisa, acreditamos que ela tenha sido elaborada por volta desse período. Um estudo mais aprofundado que leve em conta as características físicas da peça, como seu material exato, além de sua datação precisa é nossa intenção com o prosseguimento de nossas pesquisas durante um doutoramento.

Mesmo que ainda não haja registro da localização de oficinas de manufatura de esculturas de pedra na Península de Iucatã, as pedras calcárias utilizadas para a produção de esculturas e construções teriam sido recolhidas localmente, e não em processos de importação como foi o caso de outros materiais como o jade e a obsidiana. Do ponto de vista geológico a Península é está assentada sobre uma planície cárstica que abarca grande parte do centro-norte das terras baixas dessa localidade. Iucatã possui uma formação rochosa originada há cerca de 30 milhões de anos, emergida durante o Mioceno e o Plioceno com um solo constituído por rochas calcárias, e poucas fontes de águas na superfície (RÚÍZ, 1996, pp.3-4). Isso nos leva a acreditar que a peça tenha sido manufaturada localmente.

A peça teria sido utilizada pela sociedade de Chichén Itzá durante o período em que o centro do sítio era localizado na Grande Nivelção. O formato e a representação da escultura em formato de jaguar, faz parte de um conjunto de peças e elementos arquitetônicos presentes no sítio que fazem menção a esse felino. A Plataforma das Águias e Jaguares leva esse nome pelos painéis com jaguares e águias segurando corações que fazem parte da fachada do edifício. Além disso, a plataforma está localizada ao lado do Templo dos Jaguares, construção cuja principal característica decorativa são diversos motivos de jaguares.

A imagem do jaguar foi muito difundida por toda a Mesoamérica em diferentes períodos. Considerado o maior e mais poderoso felino do continente americano, referenciado por suas atividades caçadoras, foi um dos animais simbólicos mais importantes dessa região. Na visão de mundo mesoamericana esse felino adquiriu conotações de divindades, símbolos de poder político, guerra, sacrifício e relações com a noite e o Inframundo. Por sua força e atividade caçadora, foi uma figura metaforicamente associada a um valor militar e de poder (STONE; ZENDER, 2011, p.195).

A escultura de jaguar reclinado foi a primeira peça descoberta pelo casal Le Plongeon durante suas explorações no montículo.

Dr. discovered a mound with sculptured slabs, and a statue of a reclining tiger without head half buried in the ground. [...] This mound is not far from the tiger monument. We took it to be a mausoleum. [...] [...] The reclining tiger, with three holes in the back, sculptured in the round; was a little way off from the

mound, but we think it was once at the top (LE PLONGEON, 1873-76, p.147).

Na foto tomada pelo casal logo após o desterramento da peça. Le Plongeon fez questão de registrar a peça, pois ela tinha grande importância para a construção de sua narrativa acerca da origem dos maias, e a história da Rainha Mío. Ao começar os trabalhos em Chichén Itzá o casal Le Plongeon fez estudos no Templo Superior dos Jaguares na parte central da cidade, onde encontrou baixos-relevos e resquícios de pintura mural em suas paredes. Augustus realizou estudos e cópias das cenas desses murais, e chegou à conclusão de que seriam uma narrativa de eventos religiosos, guerras, e governantes da antiga cidade. Dentre as personagens presentes nas figuras, Le Plongeon identificou o que para ele seriam os governantes deste local. A rainha Mío e o seu irmão o guerreiro Coh, também conhecido como príncipe Chaac Mool, uma referência ao jaguar que aparecia num escudo deste personagem do mural. Segundo Le Plongeon, teria existido uma antiga dinastia maia em Iucatã comandados pela rainha Mío e pelo príncipe Coh. O casal teria tido mais outros três irmãos, Nic, Cay, e Aac, irmão mais novo e assassino de Chaac Mool que o teria matado por ciúmes de sua relação com a rainha Mío. (DESMOND; MESSENGER, 1988, pp.30-32; LE PLONGEON, 1881). Com isso, Le Plongeon buscou legitimar essa história com a descoberta das peças como o chacmool, e o próprio jaguar reclinado. Que mais tarde seria comparado à Esfinge egípcia pelo próprio Le Plongeon. Na foto tirada, o explorador colocou uma cabeça humana na peça para fazer menção ao príncipe chacmool, personagem presente em suas narrativas. A cabeça sempre acompanhou a peça, mas claramente não era parte sua.

Essa primeira ressignificação sofrida pela peça a acompanhou até os dias atuais, já que a cabeça colocada primeiramente por Le Plongeon acabou por se “tornar” uma parte da peça ainda hoje. Nas poucas referências de estudiosos sobre a peça a cabeça sempre é citada (DESMOND; MESSENGER, 1988; SCHÁVELZON, 1985). Depois de descoberta, a peça ficou esquecida nas cercanias de Chichen Itza até meados da década de 1950, quando após o restuaro da Plataforma das Águias e Jaguares, acabou sendo levada para o Museo Palacio Cantón, em Mérida. Após isso, a peça teria ficado esquecida no depósito do museu até o ano de 1984, quando o então diretor, Peter Schmidt, localizou a peça no depósito durante os trabalhos de catalogação das peças feitos nesse momento. Atualmente ela permanece quase que “esquecida” guardada no depósito do museu, já que exceto pelas fotos feitas pelo casal Le Plongeon no momento da descoberta em 1875, uma foto feita pelo explorador austríaco Teobert Maler em finais do século XIX, a peça só viria a ser mencionada novamente num breve artigo escrito pelo arqueólogo argentino Daniel Schávelzon, *El Jaguar de Chichén Itzá, un monumento olvidado*, em 1985. Destino e repercussão diferentes teve a peça que o casal Le Plongeon descobriu na sequência do jaguar reclinado durante as escavações no montículo.

Enterrada a oito metros de profundidade, feita de pedra calcária, medindo um metro e quarenta e seis centímetros de largura, por um metro e quinze centímetros de altura, com peso de aproximadamente cinquenta quilos, a escultura de um personagem

reclinado com os joelhos unidos e os cotovelos apoiados no solo, foi a grande descoberta da vida de Le Plongeon. Chamado pelo explorador com o nome de "Chaac-Mool" ("grande, ou vermelha pata de jaguar", em maia iucateco), tal peça alcançou grande repercussão dentro da história dos estudos mesoamericanos.



The Getty Research Institute, Los Angeles. ID no.: gri\_2004\_m\_18\_b10\_40\_r. Digital images and files are provided for study purposes only. Copyright restrictions may apply to some images. For copyright information or higher resolution images visit: [http://hdl.handle.net/10020/repro\\_perm](http://hdl.handle.net/10020/repro_perm).

Foto de Alice Dixon (1875) - Descoberta da estátua chacmool por Augustus Le Plongeon na Plataforma das Águias e Jaguares, em Chichén Itzá.) (Acervo Getty Institute).

Assim como a peça do jaguar reclinado, a estátua do chacmool também é feita de pedra calcária, provavelmente oriunda da própria península de Iucatã, com datação aproximada do século IX. Essa peça também carece de um estudo com análises físicas e químicas detalhadas.

Le Plongeon acreditava que estava diante de uma das peças arqueológicas de maior relevância para a história da Arqueologia mundial, o que seria a sua grande realização

como explorador. Com a ajuda dos seus trabalhadores e de Alice Dixon, a peça foi retirada do solo e transportada para a cidade vizinha de Pisté, a apenas dois quilômetros do sítio de Chichén Itzá, local onde o casal de exploradores tinha estabelecido uma espécie de "base de operações" na igreja da cidade (DESMOND; MESSENGER, 1988, pp.40-41). Levar a peça para Pisté seria apenas uma etapa para o objetivo principal de Le Plongeon que era a de levá-la junto com os outros artefatos a uma exposição que iria acontecer na cidade da Filadélfia nos Estados Unidos.

Para Le Plongeon a feira da Filadélfia iria justificar o patrocínio que ele passou a receber da *American Antiquarian Society*, e assim pleitear um prosseguimento deste patrocínio junto a Stephen Salisbury Jr., presidente desta associação (DESMOND; MESSENGER, 1988, p.41; TRIPP EVANS, 2004, p.134).

Para tentar tirar a estátua do chacmool do México, Le Plongeon entrou em contato com o presidente mexicano da época, Sebastián Lerdo de Tejada por meio de cartas para pedir uma autorização para levar as peças aos Estados Unidos. Após longa demora, com base na lei de 1827 sobre questões aduaneiras, Tejada decide negar o pedido de Le Plongeon. Com isso a estátua do chacmool é apreendida pelo exército iucateco na cidade de Pisté e enviada pelo diretor do Museu Iucateco, Juan Peón Contreras, à Mérida com uma grande pompa militar e um desfile pela cidade (DESMOND; MESSENGER, 1988, p.42).



The Getty Research Institute, Los Angeles. ID no.: gri\_2004\_m\_18\_b10\_39\_r. Digital images and files are provided for study purposes only. Copyright restrictions may apply to some images. For copyright information or higher resolution images visit: [http://hdl.handle.net/10020/repro\\_perm](http://hdl.handle.net/10020/repro_perm).

Foto de Alice Dixon (1875) - Transporte da estátua chacmool em Chichén Itzá.) (Acervo Getty Institute).

Entretanto, dois meses depois a peça seria confiscada novamente agora pelo governo federal mexicano, do recém-empossado presidente, Porfírio Díaz, levada de Mérida pelo navio de guerra Libertad a Cidade do México e colocada no Museu Nacional do país.

Os momentos do confisco da peça primeiro pelo governo de Mérida, e depois pelo governo central mexicano são algo de grande importância para nossas análises nesse

artigo. A partir de uma extensa revisão de notícias de periódicos antigos e cartas de personagens daquele momento, foi possível constatar que a passagem da peça por Mérida causou uma grande comoção regional. Ainda que tenha ficado por pouco tempo na cidade, o chacmool movimentou a vida cultural e social da população de uma maneira determinante. Os jornais da época registram todos os preparativos para receber a escultura em Mérida, com a organização de uma grande cerimônia para a entrada da escultura.

A las ocho del día de mañana deberá hacer en entrada a esta ciudad el inteligente Director del Museo Yucateco J. P. P. Contreras la estatua del Rey Chacmool que el sabio Mr. Le Plongeon extrajo de las ruinas de Chichén Itzá [...] Apenas se ha tenido noticia de la aproximación del chacmool con entusiasmo entre todos los vecinos de la ciudad por lo cual los que inscriben a invitación de otras muchas personas han tomado a su cargo solemnizar la entrada de la estatua invitando a toso los amantes de las glorias de Yucatán. El trayecto de entrada será la calle de Litolpeilia à cuyos habitantes roguemos adornen las fachadas de sus casas con cortinas. (PRISMAS, Izamal, febrero de 1877).

Este trecho de um panfleto enviado aos habitantes de Mérida em fevereiro de 1877 demonstra a expectativa e o clamor popular para a festa que iria se realizar com a chegada do chacmool na cidade. A carta começa já insuflando as pessoas com palavras como "Gloria à Mexico! Gloria à la Ciência! Gloria à Le Plongeon! Gloria à Yucatan!".

Nesse momento os governantes de Mérida parecem utilizar a estatua como um importante elemento de agregação social, e orgulho das raízes do estado que vivia numa grave situação decorrente da Guerra de Castas. Além disso, a descoberta da peça causa uma grande revolução cultural na cidade de Mérida. Uma escritora da época e influente membro da elite iucateca, Isabel Cirerol fez uma poesia intitulada de chacmool, na qual ela exalta a importância dessa peça não apenas para a ciência, mas também pela própria constituição da pátria mexicana.

Chac-mool

Salud, hermosa estátua de las ruinas,  
 Obra grandiosa de uma antigua raza  
 Tú que has sido, talvez, em otros dias  
 De mil pueblos la imágen venerada;  
 Tu que has visto pasar tantas edades,  
 Y cruzar tantas épocas lejanas,  
 Al rigor implacable de los tempos  
 Tambien fueron tus glorias olvidadas,  
 Y rodó por el suelo tu grandeza,  
 Y cayó el pedestal dó te ostentabas...  
 Pasáronse los siglos... y entretanto

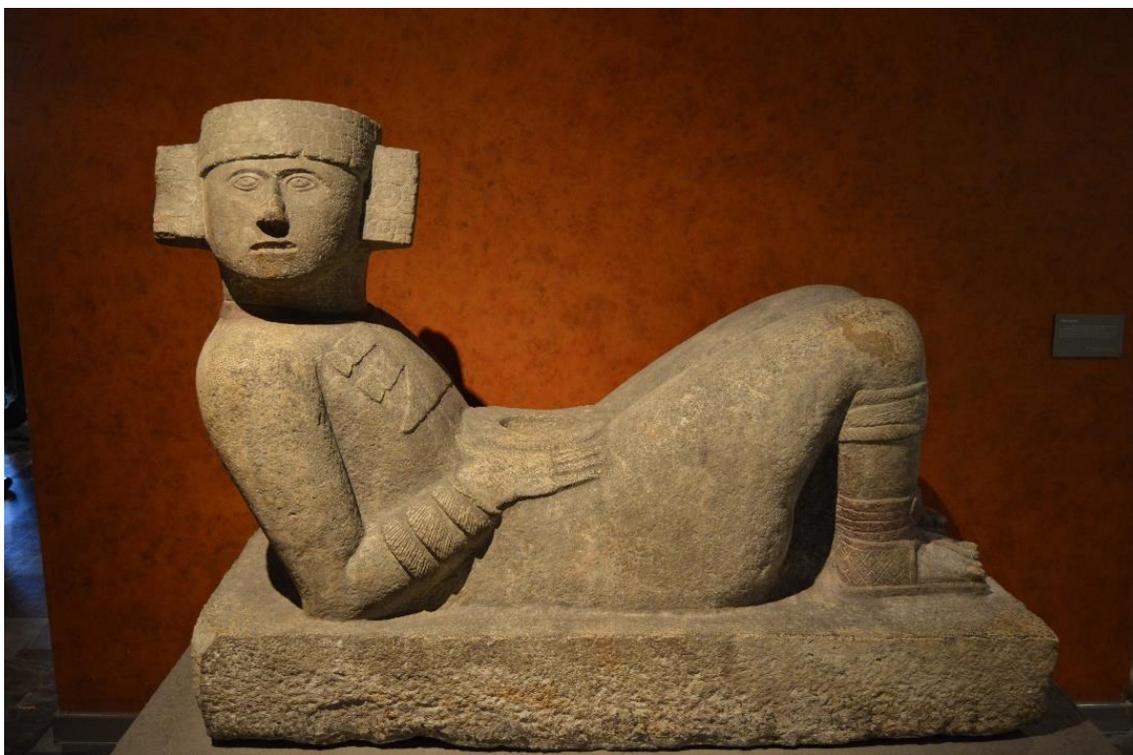
Has vivido entre escombros sepultada.  
Plugo à la ciência com su luz divina  
Penetrar em tu lóbrega morada,  
Y del seno profundo de la tierra  
Para admirar al mundo te levanta  
!Gloria al viajero que llegara um dia  
Allá em Chichén à colocar la platan,  
Y llegar à la pátria un monumento  
Digno de las naciones ilustradas:  
Y al noble jóven que corrió afanoso  
A transportar la colosal estátua....!  
Para vosotros gratitud eterna  
A nombre de la ciência y de la pátria.  
(05 marzo, 1877)

Além desse poema, o chacmool também inspirou a criação de uma obra teatral com finalidades políticas criada por José Martí, filósofo, escritor, poeta, grande mártir da independência cubana contra o domínio espanhol. Martí visitou Mérida em 1877 no mesmo período em que a estátua do chacmool estava no centro das discussões da elite local. O grande interesse pelas antiguidades americanas e as possíveis conexões com o contexto da época de Martí, levou o filósofo a escrever uma obra literária com o nome de chacmool, que considerava a estátua como uma síntese da civilização americana-mexicana (MELGAR TISOC, 2005, p.38). A trama se desenvolve em torno da escultura a quem Martí queria representar como sendo os povos latino-americanos e de orientação anticolonial. A importância que Martí via na peça do chacmool denota como essa escultura foi manejada pela elite iucateca daquele momento do final do século XIX e como ela materializa outros elementos que vão além de seu próprio significado e sentido antigo. A peça passou por ressignificações atreladas ao seu itinerário, com mudanças de sentido e representações sociais que lhe foram incorporadas.

Seguindo a rota final da peça, após a chegada em Mérida no dia 01 de março de 1977, a estatua foi confiscada pelo governo mexicano de Porfirio Díaz e levada à capital do país no mês de maio daquele mesmo ano. Durante nossas investigações no Arquivo do Museo Nacional de Antropologia e Historia da Cidade do México, conseguimos localizar um documento que atesta a entrada da peça no museu, bem como um recibo que mostra o traslado da peça com o pagamento de 12 pesos mexicanos para tal trabalho. Essa seria a última etapa dos itinerários realizados pela peça. A chegada ao museu nacional evoca outra ressignificação da escultura, agora como mencionado pelas autoridades mexicanas, como uma peça de suma importância para a história da nação. A remoção do chacmool ao Museo Nacional faz parte de um conjunto de ações do então presidente mexicano Porfirio Diaz na tentativa de construção de uma nova nação mexicana calcada em seu importante passado pré-hispânico. Junto com o chacmool, esse momento do final do século XIX e início do XX é quando outros monolitos antigos são descobertos e levados ao museu para que ficassem expostos, atestando a grandeza do país recém-independente.

Dessa maneira, percebemos um reuso da peça por parte do governo mexicano servindo e materializando outros elementos. Agora como uma peça que representava a glória da pátria e das antigas civilizações, que seriam os antepassados dos mexicanos.

O chacmool ficou no antigo Museo Nacional até a inauguração do moderno Museo Nacional de Antropologia e História da Cidade do México, em 1964, quando a peça faz o seu último itinerário até as novas instalações desse museu onde está em exposição até hoje. Após esse novo deslocamento, hoje o chacmool faz parte de roteiros turísticos de milhares de visitantes que percorrem o museu nacional todos os dias, além de ter se tornado numa das peças arqueológicas mais famosas da área mesoamericana. Com as posteriores descobertas de outras peças semelhantes em outras partes dessa região, a escultura ganhou ainda mais uma notável visibilidade, o que fez com hoje se tornasse um dos símbolos mais reproduzidos da arte pré-colombiana.



Escultura do Chacmool encontrado por Le Plongeon na Plataforma das Águias e dos Jaguares, em Chichén Itzá. (Foto: Daniel Grecco Pacheco, 2015).

### Palavras finais

Com a apresentação do itinerário dessas duas peças encontradas pelo casal Le Plongeon na oferenda da Plataforma das águias e Jaguares, pretendemos mostrar como duas peças que fizeram parte de um mesmo conjunto no passado tiveram trajetórias posteriores muito diferentes. Cada uma delas seguiu um diferente itinerário e materializou diferentes questões sociais em diversas épocas.

Objetos que foram depositados juntos e mantinham uma série de conexões entre si, que adquiriam um significado e um sentido próprio ao serem colocadas num determinado conjunto, a partir do desterramento, desencadearam diversas outras relações e situações que antes inexistiam. Ambas esculturas feitas de pedra calcária foram tratadas de maneiras antagônicas dentro dos estudos da apreciação artística do campo da arte pré-colombiana, e da própria visão das pessoas comuns. Enquanto o chacmool se tornou uma das peças mais conhecidas e reproduzidas pelo mercado artístico, com reusos, apreciações estéticas e usos políticos, a peça do jaguar reclinado acabou por ficar relegada e esquecida num canto do depósito do Palácio Cantón ao lado das quase 9.000 peças que constituem o arquivo desse museu. Muito diferente do chacmool que durante seus itinerários foi de representação de um príncipe maia nas interpretações de Le Plongeon, de peça-chave em disputas patrimoniais e nacionais, até uma das peças mais reproduzidas pelo mercado que acompanha a arte maia e mesoamericana.

Ao observar suas trajetórias podemos questionar e refletir como peças e objetos incorporam elementos e ideias durante os seus itinerários nas diferentes espacialidades e temporalidades onde são realizados tais movimentos. Acreditamos que ao se analisar isso, podemos considerar a história das peças como algo em constante transformação no tempo e espaço, e fruto não apenas de seus elementos internos que as constituem, mas também através das constantes e incessantes relações existentes entre objetos e humanos. Algo fundamental a ser observado nas constituições das relações humanas.

---

### Referências Bibliográficas

APPADURAI, Arjun. *A Vida Social das Coisas: As Mercadorias sob uma Perspectiva Cultural*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2008.

CIREROL, Isabel. *Al Chac-Mool*, IN: *El Periodico Oficial*, 05, marzo, 1877, manuscrito Biblioteca Carlos Menéndez, Mérida, México, 1877.

DESMOND, Lawrence G.; MESSENGER, Phyllis Mauch. *A Dream of Maya: Augustus and Alice Le Plongeon in Nineteenth Century Yucatán*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1988.

GARCÍA MOLL, Roberto; COBOS, Rafael. *Chichén Itzá. Patrimonio de la Humanidad*. Cidade do México: Grupo Azabache, 2009.

JOYCE, Rosemary A.; GILLESPIE, Susan D.. *Things in Motion. Objects Itineraries in Anthropological Practice*. New Mexico: School for Advanced Research Press, 2015.

LATOUR, Bruno. *Jamais Fomos Modernos*. São Paulo: Editora 34, 2009.

LE PLONGEON, Alice. *Travel Diary, 28 July 1873-22 August 1876*, Manuscript on file, 2004. M,18. Research Library, Getty Research Institute, Los Angeles, Estados Unidos, 1873-76.

LE PLONGEON, Augustus. *Vestiges of the Mayas*. J. Polhemus, Nova York, 1881.

MELGAR TISOC, Emiliano Ricardo. *José Martí, los mayas y el Chac Mool*. *Mayab* nº 18, 2005, pp.37-44, México.

PRISMAS, Izamal, 18 febrero, 1877, manuscrito em arquivo. IN: Biblioteca Carlos Menéndez, Mérida, México, 1877.

RUÍZ, Francisco Pérez. *Proyecto Chichén Itzá*, Informe de recorrido y levantamiento en la temporada 93 – 94, informe nº 30-102, Archivo Técnico del Consejo de Arqueología, INAH, México, 1996.

SALISBURY, Stephen Jr.. *Dr. Le Plongeon in Yucatan*. *Proceedings of the American Antiquarian Society*, Nº 69, pp. 70-119, 1877.

SCHAVELZON, Daniel. *El Jaguar de Chichén Itzá, un monumento olvidado*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, *Cuadernos de Arquitectura Mesoamericana*, Nº 5, 1985, pp. 55-57.

SELLEN, Adam T.; LOWE, Lynneth S.. *Las Antiguas Colecciones Arqueológicas de Yucatán en el Museo Americano de Historia Natural*. IN: *Estudios de Cultura Maya*, vol. XXXIII, 2009, pp.53-71.

STONE, Andrea; ZENDER, Marc. *Reading Maya Art. A Hieroglyphic Guide to Ancient Maya Painting and Sculpture*. New York: Thames & Hudson, 2011.

TRIPP EVANS, R.. *Romancing the Maya: Mexican Antiquity in the American Imagination, 1820-1915*. Austin: University of Texas Press, 2004.